

Histórias e memórias do rádio picoense: o “Correspondente do Interior” por seus locutores

Lívia Moreira BARROSO¹

Resumo

O artigo busca escrever uma narrativa história sobre o primeiro programa de rádio da cidade de Picos, o Correspondente do Interior, tendo como fonte os depoimentos dos seus principais locutores. O Correspondente do Interior foi ao ar pela primeira vez em 12 de julho de 1979, com locução de José Francisco de Barros (José Elpídio), antes mesmo da inauguração oficial da primeira emissora de rádio da cidade, a Difusora AM. O programa foi uma iniciativa do então senador Helvídeo Nunes de Barros, que percebeu a necessidade da instalação de uma rádio na região, uma vez que, devido a geografia picoense, a população não tinha contato com as informações do estado, pois, o sinal das emissoras de Teresina não alcançavam o território da região. Tendo em vista a importância do programa para o contexto histórico local, o trabalho tenta abordar como se deu a história do Correspondente durante o período de 1979-2000, por meio da memória de dois locutores, José Elpídio e Sebastião Luz. A metodologia do trabalho é a história oral e a base teórica está na História Social.

Palavras-chave: Correspondente do Interior. Locutores. Rádio. Memória.

Abstract

The article tries to write a narrative story about the first radio show of the city of Picos, the Correspondent of the Interior, whose source the testimony of its main speakers. The Correspondent of the Interior was aired for the first time on 12 July 1979, with voiceover Francisco José de Barros (José Elpidio), even before the official inauguration of the first radio station in town, Difusora AM. The program was an initiative of then Senator Helvídeo Nunes de Barros, who realized the need to install a radio in the region, since, due to Pico geography, the population had no contact with the state information thus the sign of Teresina stations did not reach the territory of the region. Given the importance of the program to the local historical context, the work attempts to address how was the story of Correspondent during the period 1979-2000, through the memory of two speakers, and Sebastião José Elpidio light the methodology of work is oral history and theoretical background is in Social History.

Keywords : Correspondent of the Interior . Talkers. Radio. Memory.

¹ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: liviabarroso89@hotmail.com

Introdução

O rádio foi durante décadas o veículo de comunicação de massa mais utilizado no Piauí. Caracterizado por ser de fácil acesso e por atingir lugares distantes, além de ser um meio de comunicação democrático, que não distingue seja por raça, sexo ou classe social, o meio de comunicação se entranhou na vida da população e tem até a atualidade uma importância significativa na construção da memória de muitas pessoas.

Nessa perspectiva, a história do rádio em Picos tem uma trajetória que se confunde com os acontecimentos que marcaram a vida cotidiana da população desde a instalação da primeira emissora no município, a rádio Difusora AM inaugurada oficialmente em 29 de julho de 1979.

Com a fundação da emissora veio à criação do primeiro programa radiofônico da região, o Correspondente do Interior, que foi ao ar em forma de teste antes mesmo da inauguração oficial da rádio, em 12 de julho do mesmo ano.

Observando esse cenário e sendo essa pesquisadora uma admiradora e ouvinte do Correspondente do Interior desde a infância, o programa que se mantém no ar há quase 35 anos é o objeto de estudo desse artigo. Para a construção do texto, bebe-se na fonte da História Social, tendo como principal base os teóricos, Maurice Halbwachs e Peter Burke e outros autores que estudam o rádio no Brasil e no Piauí, com a tentativa de fazer um diálogo entre a história e comunicação.

Quanto a metodologia, a escolhida foi a História Oral tendo como base o livro *História Oral: memória, tempo, identidade* de Lucília de Almeida Neves Delgado, que deu suporte para o entendimento e análise das entrevistas coletadas com os antigos locutores do Correspondente, José Elpídio e Sebastião Luz, fontes primárias desse trabalho.

Entende-se que a definição da metodologia é de fundamental importância para sistematizar todos os passos que vão guiar a pesquisa, uma vez que, é através dela, que se traça o quadro teórico do problema e desenvolve os métodos que irão orientar o processo de investigação. De acordo com Lopes (apud Santaella, 2003, p.129) a metodologia diz respeito aos “métodos efetivamente usados numa pesquisa”, ou seja, é “como um conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação”. No caso específico desse trabalho, a metodologia escolhida foi a história oral.

Trabalhar com a oralidade num campo onde os documentos escritos têm um respaldo gigante é apenas um dos desafios de quem se propõe a utilizar a história oral como procedimento metodológico para a escrita da história. Outra dificuldade está em definir o que venha a ser a história oral em si e acima de tudo como utilizá-la na construção dos trabalhos acadêmicos.

De acordo com Lucilia Delgado (2006), nenhum processo histórico da humanidade pode ser considerado oral. Para a autora, a história se constituiu nas inter-relações de fatos e acontecimentos, postos em ação individual e coletivamente. Nesse sentido, a história oral funciona apenas como um método de pesquisa e escrita, como afirma a autora:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. *Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida* (DELGADO, 2006, p. 16 – grifos da autora).

Sendo assim, a história oral é um meio ou um caminho para se chegar à produção de um texto histórico, que faz um relacionamento entre o tempo passado e o tempo presente dos entrevistados, ou seja, é a produção de fontes e documentos, que permitem a interferência do historiador, o que para Delgado (2006) é um campo cheio de intersubjetividades. Entendido do que se trata a história oral, no presente trabalho, o tipo de entrevista utilizada foi à entrevista temática, que consiste no relato de experiências vividas ou testemunhadas pelo os entrevistados, nesse caso, os locutores do Correspondente do Interior, José Elpídio e Sebastião Luz.

O rádio no Piauí

Nas primeiras décadas do século XX, o estado Piauí, inclusive a capital Teresina passavam por um processo de crescimento lento e sossegado. A capital era calma e vivia com hábitos de cidade do interior, com uma pequena população e hábitos provincianos. Para Solon (2006, p.167), foi por volta dos anos de 1935, que os

primeiros indícios do fim da calma da cidade apareceram, esta estava “ameaçada pelo processo de modernização”.

Juntamente com a modernização, o comércio de Teresina foi se desenvolvendo. E como estratégia para a divulgação dos produtos, veio à necessidade de investir em propaganda, nesse momento teve início à radiodifusão no Piauí, que começou com o serviço de alto-falantes no centro comercial da capital. A loja “Casas Pernambucanas” foi a primeira a instalar esse meio de comunicação, objetivando a divulgação dos produtos e promoções do estabelecimento comercial, localizado no entorno da Praça Rio Branco, no centro da cidade. O som do alto-falante da loja ficava somente no entorno do estabelecimento, não tendo um grande alcance.

As propagandas da loja eram transmitidas apenas durante o dia, e no período da noite a amplificadora colocava no ar uma programação musical, atraindo a população para o local, isso fazia da Praça um dos ambientes de socialização da cidade naquele período. Além da diversão proporcionada pelas músicas, às pessoas também se deslocavam até o logradouro² para se informar sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo.

O grande acontecimento do final da década de 1930 era a II Guerra Mundial. A população brasileira se informava dos acontecimentos do conflito armado por meio das notícias transmitidas pelas ondas do rádio. Porém, nesse período por não existir uma emissora de rádio, a população teresinense fazia da Praça Rio Branco um ambiente de troca de informações, aonde iam “se inteirar de notícias sobre a guerra, política e outros assuntos através das rodas de conversa, leitura de jornais – de periodicidade semanal - e dos serviços de alto-falantes existentes na cidade” (SOLON, 2006, p. 168).

Além da demora da instalação da primeira emissora de rádio no Estado, a grande maioria da população não tinha condições financeiras para adquirir um aparelho receptor, como mostrava o censo do IBGE, “[...] das 179.143 unidades prediais e domiciliárias piauienses de 1940, apenas 878 possuíam rádio” (IBGE, 1952, p. 171 apud SOLON, 2006, p. 169). Então a solução foi espalhar alto-falantes por vários ambientes da capital.

²Refere-se a qualquer espaço público de conhecimento de uma administração municipal: praças, ruas, avenidas etc.

[...] os sons também chegavam a outras praças e ruas do centro de Teresina, através de cornetas e bocas de alto-falantes instalados no topo de postes, galhos de árvores e fachadas de casas comerciais. Tal aparelhagem era ligada por fios em um módulo amplificados operado em pequenos estúdios localizados no centro de Teresina. Ao amplificador também era conectado um fonógrafo e microfone [...] (SOLON, 2006, p.169).

Com a popularização das amplificadoras em Teresina, os ambientes que eram alcançados pelo som dos alto-falantes se tornaram também espaço de lazer da população. A Praça Pedro II era um dos pontos de encontro principalmente da juventude, que ia para conversar, encontrar os amigos e para paquerar. Os rapazes faziam pedidos musicais e enviam recados românticos para as moças, através dos locutores das amplificadoras que cobravam pelo serviço.

O serviço de amplificadoras em Teresina ainda perdurou por muitos anos, até o surgimento de uma emissora de rádio na capital. Mas, foi em 1937, que “a primeira emissora de rádio cortou os ares piauienses de forma clandestina [...]” (NASCIMENTO, 2003, p. 4). Por não estar legalmente registrada, a Rádio Educadora de Parnaíba foi fechada ainda naquele ano, no dia 9 de julho. Sendo reaberta apenas em 17 de abril de 1940 de forma experimental.

No ano de 1938 entra em funcionamento a Rádio Amplificadora Teresinense, que tinha uma característica diferente das demais amplificadoras, sendo a primeira a ser considerada comercial. Por não pertencer a nenhum comerciante, tinha como fonte de manutenção os anúncios publicitários de estabelecimentos comerciais e também cobrava por pedidos musicais e envio de dedicatórias.

No tocante ao funcionamento das amplificadoras, Carlos Said³, que trabalhou na Rádio Amplificadora de Teresina, relata que essas poderiam ser comparadas com as emissoras de rádio, tendo um espaço próprio, com aparelhagem, locutores, um escritório para a publicidade e propaganda e uma programação diária. Além da Rádio Amplificadora de Teresina, outras também tiveram destaque na capital piauiense. Entre elas a Amplificadora Cultura, de propriedade da Arquidiocese.

Porém, mesmo com todo o serviço prestado pelas amplificadoras em Teresina, a necessidade da criação de uma emissora de rádio na capital era muito desejada. Foi através do interventor federal no Estado, Leônidas Melo, que se sentia incomodado, por

³Depoimento concedido a Daniel Sólton. Teresina, 04 de janeiro de 2005.

o Piauí ser um dos poucos estados brasileiros a não contar com um sistema de radiodifusão. No ano de 1940,

O *Diário Oficial* informa que uma comissão constituída por personalidades do comércio local manteve entendimento com o interventor federal no sentido de obter apoio para a criação de uma sociedade que deveria explorar a radiodifusão. O articulista defende a ideia porque acredita que “...vai aumentar o índice de progresso, em particular em Teresina, e em geral, de todo o Piauí que não pode ficar em plano inferior aos seus co - irmãos, nesta fase de completa evolução”¹⁰. Esse projeto não se concretizou (NASCIMENTO, 2003, p. 4).

Esse primeiro projeto, que não foi concretizado, era para a fundação da Sociedade Rádio Clube do Piauí. Porém, os anseios para o lançamento de uma emissora no Estado não se limitavam a capital Teresina. Tanto que, as primeiras ondas sonoras a entrarem no ar no Piauí foram as da Rádio Educadora de Parnaíba, sendo em 3 de maio de 1940 a data oficial da sua fundação, 18 anos depois da implantação da primeira emissora de rádio no Brasil.

Na Capital, depois da tentativa fracassada do interventor do Estado, Leônidas Melo, foi instalada em 1946, a Rádio Difusora de Teresina (RDT), que só foi ao ar em 18 de julho de 1948, sendo essa a primeira emissora oficial da capital.

A Rádio Difusora começou operando em ondas largas, mas em 1949, passou a operar em ondas curtas. A emissora nasceu por uma sociedade por cotas da qual participaram Cláudio Pacheco Brasil, Sigefredo Pacheco e Alzira Torres Sampaio, família de grande prestígio, principalmente na região de Campo Maior. A emissora era ouvida na frequência 1.370 Kc/s e na potência 1KW. Nos primeiros anos da década de 1940, a Difusora de Teresina foi adquirida pelo grupo “Diários Associados”, de Assis Chateaubriand (CARVALHO; MELO; REGO, 2012, p. 14).

A Rádio Difusora de Teresina usa o prefixo ZYQ-3, a qual a apresentava para seus ouvintes uma programação bastante variada, que era intercalada com música, jornalismo e programas que falavam sobre os problemas da sociedade local. O noticiário teve muito destaque na emissora, sendo o *Grande Jornal Q/3* um dos principais ganchos de sustentabilidade da rádio. Mesmo tendo uma programação diversificada e com uma aparelhagem mais eficiente que as das amplificadoras, a RDT não tinha o mesmo potencial de outras emissoras de rádio do Nordeste e do País.

Segundo Nilsângela Lima, a rádio foi duramente criticada por alguns jornais impressos da capital, que cobravam uma programação parecida ou igual as que eram veiculadas pelas emissoras do centro-sul do Brasil.

Tem se afirmado que essa fase de “apatia” vivida pela RDT durante os primeiros anos em que estreava no ar teresinense foi modificada com a chegada do radialista José Eduardo Pereira, o qual assumiu o cargo de Diretor Gerente e, dada a experiência que adquiriu trabalhando na Rádio Tabajara da Paraíba e Tamandaré de Recife, montou um novo quadro de programação na emissora, atribuindo-lhe uma fisionomia radiofônica e reavivando a importância da RDT para a sociedade teresinense (LIMA, 2006, p. 140-141).

A partir do momento em que se consolidou em Teresina, a Rádio Difusora foi considerada um meio de comunicação de massa, e passou a fazer parte do cotidiano e principalmente era uma forma de lazer da população. Nesse sentido, a programação rádio oferecia diversas opções, tais como: as radionovelas, os programas de auditório e os informativos.

As radionovelas foram uma preferência nacional durante os anos de 1940. O Piauí acompanhou o cenário nacional através da transmissão desse tipo de programa radiofônico pelas ondas da RDT. As novelas que iam ao ar pela emissora, eram compradas de rádios do centro-sul do país ou da Ceará Rádio Clube e da Rádio Clube de Pernambuco. “Algumas foram produzidas por artistas piauienses, sendo novelas de curta duração e interpretadas pelos elementos principais do ‘cast’ da ZYQ-3 e por pessoas de destaque da sociedade teresinense [...]” (LIMA, 2006, p. 143).

Outro destaque da RDT foram os diversos programas de auditório. Em suas instalações possuía um pequeno auditório com apenas 25 cadeiras. Mas, mesmo com o espaço limitado, os programas contavam com participação popular, sendo estes, os maiores acontecimentos de Teresina, que não época não contava com um teatro regular e o cinema era muito caro não chegando a população mais pobre.

Durante a década de 40 do século XX, o Piauí tinha apenas duas emissoras de rádio, a Rádio Educadora de Parnaíba e a Rádio Difusora de Teresina. Na década seguinte, foi instalada em 19 de outubro de 1957 a primeira emissora do sul do Estado, a Rádio Difusora de Floriano (RDF). Assim como as outras emissoras piauienses, a RDF priorizava os programas jornalísticos. As notícias que iam ao ar na emissora eram

obtidas através do sistema de rádio escuta e também nos jornais impressos da Capital, o que era uma dificuldade para a equipe de jornalismo, já que Floriano fica a uma distância de 240 km de Teresina, local onde eram impresso os periódicos. Além das notícias do País e do Estado, havia na programação um tempo dedicada aos acontecimentos locais e para a prefeitura do município e das cidades vizinhas.

Na década de 1960, a radiodifusão no Piauí alcançou o auge. No primeiro ano do decênio surgiu a Sociedade Rádio Clube de Teresina, a emissora era ligada a um grupo político, que objetivava difundir seus ideais através do rádio, e em seguida a emissora foi comprada por Valter Alencar, uma figura bastante representativa da época.

Objetivando crescer cada vez mais, a Rádio Clube investiu em transmissões radiofônicas externas que envolviam acontecimentos de grande relevância, bem como eventos que serviam para promover o encontro de parcelas da sociedade local, como as festas realizadas no Clube dos Diários. Entre os seus projetos que marcaram a memória da sociedade da época, destaca-se a vinda de cantores de sucesso para Teresina tais como: Erasmo Carlos e Jair Rodrigues e, conseqüentemente, a realização de shows populares nos bairros, bailes ou em praças públicas, além de festivais de músicas em parcerias com rádios do Sul do país (ANDRADE; NASCIMENTO; PEREIRA, 2003, p. 2).

A partir desse período, teve início em Teresina, a disputa pela audiência nas emissoras, no começo entre a Rádio Difusora e a Rádio Clube, e posteriormente, entrou também nesse cenário a Rádio Pioneira. A última rádio citada entrou no ar em setembro de 1962 e era fazia parte da RENEC (Rede Nacional de Emissoras Católicas), sob a responsabilidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A criação da Rádio Pioneira estava ligada a necessidade de difusão do Movimento de Educação de Base⁴ (MEB), pelo o então bispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela. A emissora

⁴ “O Movimento de Educação de Base era um programa educacional de caráter laico-religioso que visava a promoção, desenvolvimento e integração da população brasileira, principalmente, das regiões menos desenvolvidas – Norte, Nordeste e Centro-Oeste – do Brasil, além de conter a disseminação do comunismo na zona rural. O instrumento utilizado para conseguir estes objetivos seria a *educação de base*, que se define por dá condições ao homem do campo de se desenvolver como pessoa e em comunidade ao despertar sua consciência para os problemas sociais da localidade em que está inserido através do conhecimento. Este projeto envolvia leigos e clérigo de todo o país e foi um reflexo do trabalho da Diocese de Natal dos anos finais de 1950 e início de 60, que desenvolvia, por intermédio do SAR (Serviço de Assistência Rural), programas educativos voltados para a população do campo, alfabetizando-as e dando-lhes noções de política e sindicalização rural. Foi resultado disso, uma ação pioneira que utilizava as ondas do rádio para educar as pessoas” (ANDRADE; NASCIMENTO; PEREIRA, 2003, p. 2).

teve uma grande aceitação da população, pois, tinha uma programação bem variada, com programas de entretenimento, noticiosos e religiosos.

A Rádio Antares AM, outra emissora de destaque na história do rádio piauiense, foi fundada em outubro de 1988, em Teresina. É uma rádio estatal, criada no governo de Alberto Silva. Por atender as demandas do Estado, a emissora sofreu durante sua existência inúmeras mudanças, uma vez que, a cada novo mandato governamental, a Rádio Antares AM tinha sua estrutura e administração alteradas. No ano de 2003, no governo de Wellington Dias, por determinação da justiça, a emissora foi fechada para passar por uma nova reestruturação, sendo reaberta no ano seguinte com padrões que permanece até os dias atuais, com uma programação focada em informações sobre o Estado.

Enquanto que na Capital a radiodifusão já estava consolidada em meados dos anos de 1970. No interior do Estado, a instalação de emissoras de rádio nesse período ainda andava em passos lentos. Por exemplo, na cidade de Picos, o terceiro maior município do Piauí, só vai ter uma emissora em 1979, a Rádio Difusora AM, inaugurada em 12 de julho do referido ano, com a transmissão do programa “Correspondente do Interior”⁵, que permanece no ar até a atualidade, conservando o mesmo formato do programa. Outra emissora importante do interior piauiense é a Rádio Primeira Capital, fundada na cidade Oeiras⁶, em 7 de setembro de 1984.

Nos anos seguintes, a predominância no rádio piauiense é das emissoras FM. No decorrer, sobretudo dos anos de 1990 e 2000, foram inauguradas inúmeras rádios FM, e a justificativa para esse fato, é por ter as FM um custo menor de instalação e também devido a programação ser mais musical e menos informativa, tem sido mais fácil a sobrevivência junto a concorrência dos demais meios de comunicação. Porém, é importante destacar, que mesmo com um maior número de rádio FM, as AM ainda permanecem fortes no cenário radiofônico piauiense.

⁵Por ser o objeto de estudo dessa monografia, trataremos posteriormente mais aprofundado a respeito do Correspondente do Interior e Rádio Difusora AM de Picos.

⁶Foi a primeira capital do Piauí, até 1851, quando a sede política e econômica da Província foi transferida para Teresina, atual capital.

Correspondente do Interior, a voz de quem fez: memórias e histórias do rádio picoense

Perceber o contexto dos meios de comunicação no Brasil é uma temática que vem sendo desenvolvida há alguns anos, seja no entendimento da produção midiática ou na modernização dos meios e formas de comunicar. Porém, no que se refere à escrita da história da imprensa nacional, os trabalhos ainda deixam a desejar, pois, como afirma Goulart e Herschmann (2008, p. 14):

[...] a Comunicação no Brasil sofre do que poderíamos chamar de “presentismo”. A maioria das pesquisas realizadas no país privilegia aspectos e problemas relacionados à contemporaneidade: estudos sobre pós-modernidade, globalização, novas tecnologias, etc. a análise histórica da Comunicação, ou dos meios de comunicação, ainda é relegada a um segundo plano.

Partindo dessa assertiva, entende-se que há a necessidade de escrever a história dos meios de comunicação que fizeram e fazem parte do cotidiano da população. Nesse sentido, esse capítulo aborda a história do programa mais antigo da cidade de Picos, o Correspondente do Interior, posto no ar pela primeira vez em 12 de julho de 1979, se mantendo diariamente na vida dos ouvintes há quase 35 anos. Porém, o recorte temporal desse trabalho são os anos de 1979 a 2000.

Lembrar é um ato individual, porém as lembranças estão diretamente relacionadas ao grupo social ao qual estamos inseridos. Nesse sentido, quando pertencemos a um determinado grupo social, as nossas atitudes coletivas são pensadas individualmente, ou seja, quando estamos em contato com um determinado grupo, a identificação com ele é imediata, e em decorrência disso, é comum confundir nosso passado com o do grupo (HALBWACHS, 2006).

Para o desenvolvimento desse trabalho monográfico, interessa-nos abordar os personagens que fizeram o rádio picoense entre os anos de 1970 e 2000, tendo como foco, o programa Correspondente do Interior, observando como narram suas histórias individuais enquanto comunicadores de rádio. “[A memória] guarda os momentos mediante a razão narrativa, presente nos sujeitos através da linguagem. Esta expressa, na razão narrativa, instrumento de poder, ausência e sedução” (GROSSI e FERREIRA, 2001, p. 39).

Como o programa em estudo não tem um arquivo contendo, por exemplo: pautas, gravações, recados, etc. A opção para a narrativa foi através das memórias dos seus dois principais locutores, José Francisco de Barros (José Elpídio) e Sebastião Luz, que atuaram no programa por mais tempo, sendo estes “as vozes” do Correspondente. Sendo assim, através da memória desses locutores, foi possível fazer uma narrativa desse que é considerado um marco na história do rádio e da cidade de Picos. Como exemplo, temos uma dessas experiências contada por um dos protagonistas do rádio picoense.

Minha relação com o rádio está no DNA, é genético, meu pai sempre foi ouvinte, então já nasci ouvindo rádio. Meu primeiro contato com rádio foi numa rádio comunitária AM em Picos. Eu tinha poucos anos de vida, de 4 a 5 anos. E foi instalada a rádio lá no sertão, meu pai tinha um rádio de mesa e eu subia na mesa e ficava ouvindo. Ouvia as músicas, então a partir daí fui despertando para o rádio como ouvinte. Como nossa região e todo o Brasil é bastante influenciado pela difusão da cultura através do Rio de Janeiro, eu ouvia muito a rádio **Globo**, as de São Paulo também [...]. Nos anos 1970, me recordo bem, que a influência maior mesmo foi uma das rádios de Salvador-BA. Elas tinham uma boa penetração na região de Picos-PI, a rádio **Ecélsio** da Bahia, a **Sociedade**, a **Cultura** era melhor que a **Pioneira** de Teresina-PI. A **Difusora** quase não se adaptava aqui, porque Picos-PI dada a sua geografia, a dificuldade de sintonia de rádio AM, principalmente rádios de ondas médias, curtas e tropicais, tem uma certa dificuldade de sintonizar. Mas as rádios de Salvador-BA, dessa faixa leste, do litoral, de Recife, Sergipe, Aracaju, penetram melhor, então eu acho que fui mais influenciado talvez pela rádio **Cultura** da Bahia⁷ (LUZ, 2014 – grifos nossos).

Ao contar a sua experiência com o rádio ainda da infância, é notável a influência das emissoras de outros estados. Como menciona o entrevistado, devido a localização geográfica de Picos, num primeiro momento ainda em meados dos anos de 1970, o que se ouvia na região eram emissoras de fora do Piauí, o que foi determinante para a sua formação de radialista, uma vez que, segundo Luz (2014), “Ficava ouvindo a Cultura (Bahia) durante o dia e a noite ouvia a rádio Sociedade (Rio de Janeiro) que tinha uma qualidade muito boa, e daí me apaixonei pelo rádio [...]aos 15 anos já fui trabalhar no rádio.” José Elpídio (2014) também conta que no primeiro momento, ele não tinha

⁷LUZ, Sebastião Araújo. **Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso**. Picos, 2014.

experiência com o rádio, já que não existiam emissoras na região e as que tinham em Teresina e Parnaíba não chegava o sinal a Picos.

Devido a tudo isso, a criação de uma emissora de rádio em Picos era de extrema necessidade. Então, por iniciativa do senador Helvídeo Nunes de Barros foi conseguido o sinal da para a fundação de uma emissora na cidade. José Elpídio⁸ relatou que inicialmente não existiam profissionais, capacitados para a locução, e também não tinha uma programação montada para a inauguração da rádio.

Em meados do mês de junho de 1979, o senador Helvídeo Nunes convocou José Elpídio, Erivan Lima, Jota Leitão e Geraldo Pereira para uma reunião. Nesse encontro, o senador fez a proposta de emprego na emissora para os quatro. José Elpídio conta que estranhou o convite, uma vez que, ele não possuía experiência, diferentemente dos demais (Erivan Lima era responsável pela comunicação MIC⁹ e Jota Leitão tinha altofalantes pela cidade).

Não tinha praticamente nenhum acesso ao rádio, porque não existia emissora na região, tinha emissora só em Teresina e nas cidades próximas de Petrolina, Crato. Então não tinha nenhuma experiência em termo de rádio. Foi quando surgiu a Difusora de Picos, e o Senador Helvídeo Nunes que acompanhava sempre as programações da Igreja, ao qual eu era funcionário da diocese, dirigindo as programações, sempre a frente da direção das missas. Então, o senador Helvídeo Nunes como éramos amigos, passou a perceber, porque fazia tempo que eu vinha pedindo emprego, quando ele foi instalar a rádio difusora pensou logo quem seria os locutores, e passou a verificar a mim e ao Erivan Lima [...] Na verdade é que vendo essa capacidade de voz, a dicção de voz, chamou atenção do senador e ele me falou: “Zé Elpídio, eu tenho uma oportunidade pra você”. Na época eu trabalhava com o Bispo, e ele me convidou pra fazer parte do elenco da rádio Difusora e não aceitei o desafio no momento por duas razões: primeiro porque me sentia incapaz, não tinha nenhuma experiência, ao menos em termo de rádio e segundo porque trabalhava com o Bispo e me dava muito bem, não queria deixar o trabalho.¹⁰ (JOSÉ ELPÍDIO, 2014).

⁸O nome do entrevistado é José Francisco de Barros, mas durante o trabalho utilizamos José Elpídio, pois, foi uma solicitação do mesmo, segundo ele foi como ficou e é conhecido no rádio picoense.

⁹Movimento de Integração Cristã.

¹⁰BARROS, José Francisco. **Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso**. Francisco Santos, 2014.

Com a equipe mencionada acima, juntamente com o senador Helvídeo Nunes, as reuniões foram uma constante durante o decorrer de junho e início de julho daquele ano. O objetivo era montar uma programação que contemplasse o público da região, sendo que, nesse período mais da metade da população do município de Picos vivia na zona rural.

Aceitamos o desafio e passamos a nos reunir: eu, Erivan, Senador Helvídeo, Geraldo. O senador colocou que queria um programa que desse os recados, utilidade pública, convite festas, doenças, quem chegou ao hospital, quem viajou quem chegou, etc. Então, falou que queria que fosse feito por mim. Colocou-me pra escolher o nome do programa, os horários mais adequados, eram dois horários e escolhi o de 11 horas da manhã, porque era a hora que as pessoas estariam chegando do trabalho, tanto na cidade como na zona rural, iria atingir melhor, porque na época os telefones eram poucos nas cidades pequenas. Como era uma rádio de ondas médias atingia longe o sinal (JOSÉ ELPÍDIO, 2014).

Definida a equipe e prestes a inauguração, José Elpídio conta que outro desafio foi escolher o nome do programa, que tinha que ser impactante e envolver o objetivo dele, de levar recados principalmente à população rural, que não tinha contato com outros meios de comunicação, como o telefone, por exemplo. “Então deu tudo certo! Eu escolhi o nome Correspondente do Interior, característica do programa que ainda hoje existe, o fundo musical¹¹ foi aquele mesmo”, afirma o entrevistado.

A primeira emissão do Correspondente foi ao ar em 12 de julho de 1979. A rádio Difusora só seria inaugurada alguns dias depois em 29 do mesmo mês. Os primeiros programas foram veiculados em forma de teste, tanto do equipamento da rádio, como para verificar se o formato do programa estava dando certo junto ao público ouvinte. José Elpídio lembra, que inicialmente os avisos foram elaborados por ele e o senador Helvídeo Nunes, que comunicavam a data de inauguração da emissora.

Comecei o primeiro programa com três avisos, falava um e passava uma música, isso pela manhã. A tarde chegou mais avisos. No dia seguinte já tinha dez avisos. Foi aumentando a cada dia, ao ponto que com 22 dias de programa falei pro Senador que não dava pra apresentar sozinho os avisos. O programa tomou uma dimensão muito

¹¹A música de abertura do Correspondente do Interior é uma melodia do sanfoneiro Noca do Acordeom. Foi escolhida por José Elpídio e é a mesma desde 1979.

grande, não esperávamos aquilo, fiquei bastante tenso nos primeiros dias (JOSÉ ELPÍDIO, 2014).

O entrevistado recorda, que quando chegou o dia da inauguração oficial da emissora, existiam filas de pessoas vindas de várias comunidades para enviar recados, e que foi com esse contato com o público que o Correspondente foi tomando forma e característica própria. Briggs e Burke (2006) apontam que as estratégias dos comunicadores são fundamentais para o relacionamento do contexto social que estão inseridos, assim como as mensagens que transmitem. Pensando os autores (2006), no contexto social do Correspondente do Interior, é perceptível o efeito causado na sociedade da época com o surgimento tanto do programa, quando da emissora de rádio.

Com a inauguração oficial da Difusora AM, José Elpídio passou a ser o locutor do Correspondente do Interior nos dois horários (11:00 h e 17:30 h) que o programa ia ao ar diariamente, durante de 1979 a 1983, retornando posteriormente em 1986. Durante os anos de locução, ele afirma que o seu trabalho ganhou dimensões nunca imaginadas. “Teve uma repercussão muito grande não só no Piauí, mas no Ceará e no Pernambuco, nas cidades mais próximas, passava vários avisos pra lá, Tauá, Parambú, Campos Sales [...]”.

Outro locutor importante para a trajetória do Correspondente foi Sebastião Luz, popularmente conhecido como Tião Luz. O radialista foi o que passou mais tempo na locução do programa, 16 anos (1986-2001). Sebastião Luz recorda que iniciou a sua vida de radialista na rádio Difusora AM, sendo esta fundamental para sua formação profissional. Ele assumiu o Correspondente no ano de 1986 com o objetivo de ser firmar na locução, já que desde a saída de José Elpídio em 1983 o programa foi apresentado por diversas pessoas, o que resultou em uma crise de identidade junto ao público. Para o entrevistado, mesmo com descaracterização do Correspondente nos dois anos que passou sem locutor fixo, o programa tinha uma credibilidade muito grande na região. Sebastião Luz (2014) afirma que:

Diria que [o Correspondente do Interior] foi uma fase de ouro do rádio picoense. Porque o Correspondente está para aquele período como o Facebook hoje está para as redes sociais. O Correspondente era um provedor de rede social, criou uma grande rede social. As pessoas conseguiam se relacionar via correspondente do interior. Fosse anunciando o nascimento de uma criança, fosse óbito de uma pessoa

no hospital ou em casa. Então, do nascimento à morte as pessoas estavam dentro do Correspondente, ao qual ocorre hoje no Facebook. Pois, era uma fase que a região de Picos tinha os avisos do Correspondente, as pessoas queriam fazer parte do programa.

Outra questão importante e marcante do Correspondente do Interior eram os avisos. A procura era tão grande, que segundo, José Elpídio, diariamente tinha uma média de 120 recados (70 pela manhã e de 40 a 50 a tarde). A procura ficou tão intensa, que houve a necessidade da criação de uma recepção para receber apenas os avisos do programa. “A rádio mantinha uma recepção para os avisos, mas a carência era muito grande, porque no início tinha uma máquina datilográfica, para datilografar alguns avisos, outros, no entanto, a recepcionista fazia a mão mesmo, por sinal tinha alguns com a caligrafia muito boa” (SEBASTIÃO LUZ).

Nesse contexto, o rádio se inseriu na sociedade picoense por meio do Correspondente do Interior. O locutor Sebastião Luz lembra que o programa foi tão importante na vida da população, que o comércio picoense paralisava no horário de transmissão. Para ele, o Correspondente estava presente no cotidiano das pessoas, e unia a informação com o entretenimento, já que esse passava músicas no decorrer do horário de veiculação.

É importante frisar que assim como no caso de Picos, o rádio foi determinante para a vida social e cotidiana do País. Para Azevedo (2002), o rádio marcou intensamente a vida cotidiana da população principalmente na primeira metade do século XX, chegando a interferir na formação social e cultural do povo brasileiro. Porém, como a instalação de uma emissora em Picos só ocorreu na segunda metade do referido século, a rádio Difusora, tendo como carro chefe o Correspondente, se fixou como uma rotina na realidade local.

Historicamente, o rádio faz parte do cenário cotidiano nacional desde meados da década de 1920. Com o passar dos anos o meio de comunicação deixa de ser apenas um objeto de ostentação das elites e passa a fazer parte dos lares das famílias, se tornando um meio massivo. Esse fato aconteceu no delinear dos anos 30 do século passado, e isso fez mudar o cenário da vida da população. O rádio foi se inserindo cada vez mais nas atividades diárias das pessoas, e também interferiu nos acontecimentos políticos, econômicos e culturais.

Alterando a rotina da casa, trazendo as “últimas novidades” do mundo civilizado, o rádio interfere, chegando mesmo a reordenar o cotidiano de parte da sociedade brasileira. O rádio foi um veículo privilegiado no processo de formação e de divulgação de um novo estilo de vida, ligado às novas práticas culturais urbanas. (AZEVEDO, 2002, p.13)

Nesse sentido, a autora observa que hábitos, a moda, a cultura, a música principalmente, o comportamento da população do País foi moldado pelos produtos radiofônicos, tais como: comerciais, programas e até os locutores e artistas do rádio, eram verdadeiros ídolos e exemplo para o povo. Além disso, o estilo de se vestir e até mesmo a maneira de falar sofreu alterações: gírias e dizeres falados na Rádio Nacional eram copiados e repetidos por indivíduos das mais diferentes regiões, idades e classes sociais. Culturas que eram destaque apenas em alguns segmentos da sociedade passaram a fazer parte da cultura nacional.

Trazendo esse contexto para a realidade picoense, José Elpídio, recorda que o Correspondente do Interior se tornou tão importante para a cidade, que as roupas que ele usava nos horários de apresentação e também no seu dia-a-dia viravam moda na região. O entrevistado destaca que, mesmo sendo um meio de comunicação sonoro, os ouvintes iam até a emissora e observavam todos os detalhes dos locutores. O locutor lembrar que era muito amigo dos ouvintes, e que recebeu até um codinome.

No início me falaram que cada um teria uma identificação, fui identificado por “Animador feliz”. Ficava ‘José Elpídio, “o animador feliz’’. A maioria dos meus amigos de Picos me chamam assim até hoje. Realmente envolvia muito essa comunicação devido a aproximação que eu tinha com os ouvintes, ia de encontro com as pessoas no final de semana, ia passar com eles batendo papo. Então quando chegava o início da semana tinha uma bagagem muito grande, que essas informações que pegava me enriqueciam muito.

Sendo assim, o rádio foi um elemento decisivo num determinado momento da história nacional, tendo um grande destaque na vida e no dia a dia das pessoas. O recorte proposto por Azevedo é apenas uma possibilidade de análise do rádio enquanto veículo de comunicação que determinou o fazer da vida cotidiana a partir da análise histórica ou da construção historiográfica do rádio, onde o saber cotidiano é representado pelos grupos sociais do período (elite e classes populares).

Considerações finais

O rádio alterou a organização do cotidiano da sociedade brasileira, bem como se fez presente na vida das pessoas, fosse através de música, informação, entretenimento, previsão do tempo, publicidade, dicas de saúde, cultura, educação fosse: no trabalho, no carro, em casa, na fazenda, no centro urbano. Enfim, denota que do amanhecer ao anoitecer, nos bons e maus momentos, ele sempre estava ali, fazendo companhia, educando, entretendo, ensinando, fazendo parte da história de vida da população brasileira da época.

Essas interações que a população estabelecia diariamente e incansável com rádio ajudavam a construir a rotina em função da programação radiofônica. O que as pessoas falavam, ouviam, faziam ou deixavam de fazer tinha influência do que era transmitido no rádio. Nesse momento o meio sonoro foi determinante na construção da vida cotidiana da população.

Na cidade de Picos, a realidade durante o final dos anos de 1970 até o início do século XXI não foi diferente. O rádio teve grande importância na construção da história local e moldou a vida de diversas pessoas. Mas, mesmo sendo marcante a carência de fontes documentais sobre a história atrapalha as pesquisas sobre o meio de comunicação local.

Porém, como o rádio picoense é um tanto recente, ainda podemos recorrer ao uso das memórias de quem ajudou a construir a história, tanto das emissoras, como dos programas e do meio de comunicação em si. Nessa monografia, os locutores aqui apresentado, José Elpídio e Sebastião Luz, ajudam na compreensão dessa atividade tão importante para a sociedade da época, que é a radiofonia. Esses, constroem uma memória, que contribuí para a produção da história local, tendo envolto um emaranhado de lembranças vivenciadas sobre a cidade e o rádio.

Por fim, com esse trabalho de conclusão de curso, espera-se contribuir com a construção da história do rádio picoense e por que não da história da cidade, tendo como fonte os relatos e as memórias das pessoas que ajudaram no desenhar o que podemos chamar de uma memória radiofônica, por meio, do Correspondente do Interior, que tanto marcou e marca a vida e cotidiano de inúmeros ouvintes.

Referências

AZEVEDO, L. C. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=YA8KcfrFfkC&printsec=frontcover&dq=a+era+do+r%C3%A1dio&hl=ptBR&ei=gNcjTJKHHYP68AaDtKTVBQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: out. 2011.

ANDRADE, J.M.V; NASCIMENTO, F.A; PEREIRA, L.L. **Pelas ondas do rádio: a trajetória da radiodifusão no Piauí na década de 1960**. XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH, João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.740.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2013.

CARVALHO, J.M; MELO, T.R; REGO, A.R. **O surgimento do rádio no Piauí**. Anais do II Encontro Nordeste de História da Mídia, Teresina, 2012. Disponível em: <http://www.historiadamidianordeste.com.br/2012/anais/resumos/GT5/GT5-Jo%C3%86o%20Magalh%C3%86es%20Carvalho%20e%20Thiago%20Ramos%20de%20Melo.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2013.

DELGADO, L. A.N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GROSSI, Y. S.; FERREIRA, A. C. Razão narrativa: significado e memória. **História Oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 4, p. 39-54, 2001.

HALBWCHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LIMA, N.C. Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: a Rádio Difusora de Teresina na década de 1950. In: NASCIMENTO, F.A; SANTIAGO JR, F.C.F. **Encruzilhadas da História: rádio e memória**. Recife: Editora Bagaço, 2006.

NASCIMENTO, F.A. **Os antecedentes do rádio**. Anais do XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH, João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.245.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2013.

RIBEIRO, A.P.G; HERSCHMANN. M. História da Comunicação no Brasil: um campo em construção. In: RIBEIRO, A.P.G; HERSCHMANN. M. (Org.) **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2003.

SOLON, D. Novos sons se espalham por Teresina: os alto-falantes e o processo de modernização da Cida (1939-1952). In: NASCIMENTO, F.A; SANTIAGO JR, F.C.F. **Encruzilhadas da História: rádio e memória**. Recife: Editora Bagaço, 2006.

Fontes Orais

BARROS, José Francisco. **Entrevista concedida a Lívia Moreira Barroso**. Francisco Santos, 2014.

LUZ, Sebastião Araújo. **Entrevista concedida a Lívia Moreira Barroso**. Picos, 2014.